



Territórios em movimento

#06 | JUNHO
2022

**O TERRITÓRIO
COMO POTÊNCIA**
Novos olhares,
novas perspectivas





#06 - JUNHO 2022

O território como potência:
novos olhares, novas perspectivas



Roteiro de viagem

Um panorama da jornada deste mês

3



Pé na estrada

O território como potência

4



Caderno de viagem

Reflexões, ideias e atividades práticas

15



Na mochila

Materiais de apoio para você se aprofundar

16





FOTO: TONY WINSTON/AGÊNCIA BRASÍLIA

Olá, bem-vindos/as! Apresentamos mais uma edição da nossa **Revista Educação Integral: Territórios em Movimento**. Neste mês, o tema será o **Território como potência**. Confirmam abaixo os principais objetivos da jornada:

- Refletir sobre a importância de conhecer a realidade do território e realizar um trabalho em sintonia com o contexto local;
- Contribuir para que as organizações reflitam sobre suas práticas e promovam mudanças que qualifiquem suas ações;
- Apresentar o Paradigma da Potência e as estratégias de existência e resolução

de conflitos;

- Oferecer subsídios para o aprimoramento dos eixos de desenvolvimento integral e desenvolvimento institucional a partir da articulação territorial.

Para seguir nesta viagem, lembrem-se sempre de utilizar um caderno ou seus recursos digitais preferidos para anotar comentários, reflexões ou ideias ao longo do conteúdo. Passaremos por paisagens diversas, trechos sinuosos, subidas e descidas. Mas, não se preocupem, guiaremos vocês por todo o percurso! Vamos lá? Apertem os cintos e boa jornada.



FOTO: FERNANDO FRAZÃO/AGÊNCIA BRASIL

O território como potência

Estamos de volta! Nesta edição, vamos dialogar sobre o território, termo já nosso conhecido e que compõe um dos eixos do **Programa: a articulação com o território**. A partir da articulação territorial, esperamos que vocês aprofundem as reflexões sobre a sua realidade local, com suas demandas e potencialidades, garantindo, assim, que a atuação da sua organização esteja em sintonia com o contexto em que está inserida.

Para isso, o que vocês acham de explorar um pouco mais o conceito de território, compreender e discutir sobre alguns paradigmas que podem influenciar a nossa postura, ação e propostas relacionadas a ele? Concordam? Então, vamos lá!

Para início de conversa, vamos definir o que queremos dizer quando usamos o termo território. Será que falamos de um espaço geográfico? De um lugar? De relações? Tudo isso ou nada disso?





Pois bem, imaginamos que vocês estejam com algumas dúvidas, não é mesmo? Para compreender um pouco mais sobre esse termo que nos desperta tantas provocações, contaremos com a ajuda de dois especialistas no assunto, o geógrafo, Milton Santos, e a assistente social, Dirce Koga, que nos auxiliarão na missão de compreender mais sobre esse campo de atuação.

Milton Santos, em entrevista concedida para Seabra, Carvalho e Leite, para a publicação Território e Sociedade (2000), afirma que **o território em si não é um conceito**. *Ele só se torna um conceito quando o consideramos a partir do seu uso, a partir do momento em que o pensamos, juntamente, com aqueles atores que dele se utilizam.*

FOTO: WIKIMEDIA/CC 3.0



Milton Almeida dos Santos

★ 3 de maio de 1926
† 24 de junho de 2001

Foi um dos mais renomados intelectuais do Brasil no século XX. Geógrafo, escritor, cientista, jornalista, advogado e professor universitário, foi considerado o pai da geografia crítica no Brasil. Tornou-se conhecido por seus trabalhos em diversos ramos da geografia, principalmente, no desenvolvimento urbano em países em desenvolvimento.

Extraído de wikipedia.org/wiki/Milton_Santos

Ainda, seguindo nesse mesmo caminho, Dirce Koga (2003) diz que **o território se constitui a partir da sua relação com as pessoas que se utilizam dele estabelecendo uma relação inseparável entre ambos**. Neste sentido, o território

rio diz respeito à realidade da vida coletiva e se concretiza através das diversas relações que acontecem nele, sejam sociais, de vizinhança, de solidariedade e de poder. É nele, também, que as desigualdades sociais se tornam evidentes.

FOTO: J. PUCSPBR



Dirce Harue Ueno Koga

★ 10 de janeiro de 1964
† 29 de outubro de 2021

Assistente social, mestre e doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. Atuou como pesquisadora, professora e coordenadora do Grupo de Pesquisa "Cidades e Territórios", além de integrar o corpo de pesquisadores do Centro de Estudos das Desigualdades Socioterritoriais - CEDEST (PUCSP/INPE).

Extraído de lattes.cnpq.br/6720297450239893



FOTO: FLICKR/PISU

E, aí? A ajuda do/a especialista contribuiu para aperfeiçoar seu entendimento sobre o termo território? Esperamos que sim! A partir do olhar dele/a, conseguimos compreender que os territórios não são apenas espaços geográficos ou lugares físicos, não é mesmo? Percebemos que, sobretudo, o território está ligado aos aspectos relacionais, e que eles existem a partir das relações das pessoas que nele vivem, trabalham, passeiam... Pensando dessa forma, podemos afirmar que se existe relação entre as pessoas e as instituições, então existe território. E mais, as organizações também compõem as tramas de relações que constituem os territórios em que atuam!

O interessante é que, ao refletir sobre o território, somos estimulados/as a olhar

e perceber o nosso entorno, as nossas relações, as nossas vivências e as diversas desigualdades sociais, raciais e de gênero que se manifestam com mais intensidade nos territórios que estão nas margens, campos e periferias, distantes dos centros geográficos e simbólicos de poder. Percebemos essas desigualdades sociais cotidianamente, mas vocês sabiam que existem diferentes formas de medi-las? E como fazemos isso?

Para isso, podemos, por exemplo, utilizar o **Índice de Vulnerabilidade Social (IVS)**. Esse índice mensura as violações de direitos e vulnerabilidades sociais e nos ajuda a elaborar um bom diagnóstico para propor ações que visem a minimizar essas desigualdades, o que é importante e muito bem-vindo.

PARA SABER MAIS

Vocês conhecem o Índice de Vulnerabilidade Social?

O Índice de Vulnerabilidade Social (IVS) é um índice sintético elaborado pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) que reúne indicadores do bloco de vulnerabilidade social do Atlas de Desenvolvimento Humano (ADH). O IVS contribui para a identificação de territórios onde há situações indicativas de exclusão e vulnerabilidade social e pode orientar gestores públicos municipais, estaduais e federais para elaboração de políticas públicas mais sintonizadas com as necessidades presentes nesses territórios.

Acesse <http://ivs.ipea.gov.br/index.php/pt/> e conheça mais.



Vocês já pararam para pensar como os indicadores auxiliam em nossa atuação? Eles demonstram o quanto vocês estão se apropriando dos contextos socioculturais, seja na atuação com as populações ribeirinhas, seja com os/as moradores/as de comunidades periféricas, em áreas de seca, entre outras. Por isso, é importante saber utilizar esses indicadores e aproveitá-los no desenvolvimento de ações de prevenção, promoção e proteção de vínculos familiares e comunitários, tanto em nível individual quanto no coletivo, buscando a minimiza-

ção das vulnerabilidades sociais e o acesso e garantia de direitos sociais básicos. A partir disso, vamos refletir:

- Será que termos apenas os indicadores das vulnerabilidades sociais que afetam os territórios dos quais fazemos parte é suficiente para que possamos, de fato, buscar formas para minimizar os efeitos das desigualdades sociais?
- Como sua organização tem buscado soluções no território para lidar com as dificuldades encontradas?



FOTO: MÍDIA NINJA/CC BY 4.0



FOTO: MARIA HSU/CC BY 2.0



FOTO: DEVANIR AMÂNCIO/CC BY 2.0

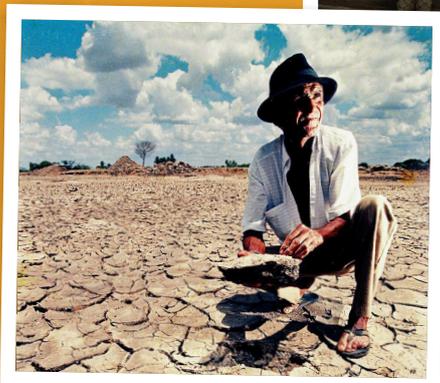


FOTO: LEO NUNES/CC BY-SA 3.0



FOTO: JONATHAN DOS SANTOS/CC BY-NC 2.0



FOTO: JÉSSICA KARLINE ALVES PORTUGAL/CC BY-SA 4.0



FOTO: FREEPIK.COM

Paradigma da ausência X paradigma da potência



FOTOS: FLICKR/PISU

Até aqui, apresentamos uma definição de território e apontamos a importância de reconhecer e mensurar as expressões da desigualdade social, racial, de gênero, entre outras, como forma de se exigir padrões dignos de vida para todas e todos. Agora, seguiremos nossa viagem a partir de um ponto que nos gera bastante preocupação: os territórios que são enfatizados única e exclusivamente pela escassez, falta e ausência.

Por vezes, percebemos que os territórios periféricos, infelizmente, ainda costumam ser retratados por uma visão focada no **paradigma da ausência**, em que não se reconhece as estratégias criadas pelas populações desses lugares para lidar com problemas, superar obstáculos, resistir à pressão, à desigualdade e produzir novas sociabilidades e significações. Ao contrário disso, precisamos dar visibilidade e reconhecer as estratégias de sobrevivência

que, historicamente, as populações desses territórios vêm realizando. Temos de ter em mente que o **território não é só carências, ele também tem suas potências** e é sobre isso que vamos dialogar com vocês a partir de agora.

Para isso, fazemo-lhes um convite! Chegou a hora de mergulhar fundo e observar com atenção as características do território. Nesta experiência, ampliem seus olhares e busquem perceber que mesmo em locais com altos índices de vulnerabilidade social, há também a atuação de diversas organizações e coletivos que operam no cuidado com a vida, em alterações no espaço urbano, como a formação de redes de cuidado e solidariedade, além de iniciativas e ações sociais, educacionais e culturais, melhorias ambientais, entre outras. Tratam-se de experiências contemporâneas, mas que, também, remetem a saberes ancestrais.



Se há séculos são elaboradas diversas estratégias e políticas de morte, há séculos igualmente as populações negras, indígenas, ribeirinhas, quilombolas e periféricas vêm **resistindo e (re)existindo**.

Ao realizar esse mergulho, esperamos que vocês consigam enxergar melhor alguns aspectos que não estão só na superfície. Esperamos que observem atentamente o que acontece por detrás do que constatamos, frequentemente, no primeiro momento. Isso vai auxiliá-los/as a perceber a importância do paradigma da potência, que nos faz reconhecer e considerar o poder inventivo dessas populações, a capacidade de gerar respostas práticas e legítimas que oferecem estratégias e formas de combater as forças de dominação (contra-hegemônicas) da vida em sociedade. Esse paradigma manifesta-se por meio das estratégias inovadoras de existência e soluções criativas na resolução de conflitos, na produção cultural, no acúmulo de repertórios estéticos e em modos de trabalho focados em convivências plurais. Neste momento, reflitam:

- Muitas organizações atuam em parceria com escolas e associações do território para utilização dos espaços. Para além do uso desses espaços, quais potências vocês identificam, nessas parcerias, que

podem contribuir com o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes e que estão aptas a fazer frente às adversidades locais?

- Com o aumento significativo da evasão escolar, em decorrência da pandemia, muitas escolas e organizações estão pensando em alternativas e estratégias que assegurem o retorno de crianças e adolescentes. Vocês têm realizado ações conjuntas com essas organizações?
- Quais outros serviços e instituições presentes no território podem contribuir com o enfrentamento dessa questão?

PARADIGMA DA AUSÊNCIA

- Não se reconhece as estratégias criadas pelas populações destes lugares para lidar com problemas, superar obstáculos, resistir à pressão, à desigualdade e produzir novas sociabilidades e significações.

PARADIGMA DA POTÊNCIA

- Reconhece e considera o poder inventivo dessas populações, a capacidade de gerar respostas práticas e legítimas que oferecem estratégias e formas de combater as forças de dominação (contra-hegemônicas) da vida em sociedade.
- Valoriza as estratégias inovadoras de existência e soluções criativas na resolução de conflitos, na produção cultural, no acúmulo de repertórios estéticos e em modos de trabalho focados em convivências plurais.

PARA SABER MAIS

Fernandes, Souza e Silva e Barbosa (2018) escreveram um artigo muito interessante chamado “O Paradigma da Potência e a Pedagogia da Convivência”. Nesse trabalho os autores defendem que os territórios populares e seus sujeitos não devem ser depreciados como expressões da ausência e da privação, eles devem ser valorizados pelo seu poder inventivo, entendido como potência.

Para ler o artigo completo, acessem: <https://revistaperiferias.org/materia/o-paradigma-da-potencia-e-a-pedagogia-da-convivencia/>





Amefricanidade, resistências e existências nos territórios



FOTOS: PATRICIA DROSGHICV KEHDI/CC BY-SA 2.0



PARA OUVIR E CURTIR

Que tal ouvir o samba-enredo completo da Escola de Samba Mangueira no Carnaval de 2019? Aproveitem para ouvir e refletir sobre o que estamos dialogando.

[Clique aqui para ouvir o samba-enredo.](#)

Nesse sentido, a proposta é que vocês percebam e compreendam as estratégias de resistências e existências das populações periféricas, comunidades indígenas, quilombolas e rurais. Para isso, contaremos com o conceito de **AMEFRICANIDADE**. Vocês já ouviram falar desse conceito? Vocês sabem o que é isso? O termo é difícil, mas a ideia é bem bonita, vejam só:

AMEFRICANIDADE é um conceito criado por Lélia Gonzalez em 1988. Ele se refere a experiência de resistência dos povos negros e indígenas contra a dominação colonial. Esse conceito propõe outra forma de pensar e produzir conhecimentos a partir do ponto de vista das pessoas subalternas, excluídas e marginalizadas. Desde a época escravista, a Amefricanidade já estava presente nas revoltas, na elaboração de estratégias de resistência cultural, no desenvolvimento de formas alternativas de organização social livre.

Deu para entender? Sabem a Escola de Samba Mangueira? No Carnaval de 2019, ela apresentou um desfile que demonstrava tudo isso, vejam só um trecho do samba-enredo:



*Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra
Brasil, meu dengo
A Mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500 tem mais invasão do que descobrimento
Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato*



COMPOSIÇÃO: DANILO FIRMINO/DEIVID DOMÊNICO/MAMÁ/
MÁRCIO BOLA/RONIE OLIVEIRA/TOMAZ MIRANDA





Pois é minha gente, **nem sempre a história oficial conta a versão e os relatos das vivências, conquistas, lutas e batalhas das minorias que resistem e (re)existem**. Por isso, é importante dar luz ao outro lado da história e reconhecer que há muito tempo, em diversas partes deste enorme Brasil, o nosso povo vem construindo formas de resistir, de cuidar e valorizar a vida, com muita potência, luta, articulação e esperança.

Querem mais um exemplo? O quilombo é um!

A historiadora Beatriz Nascimento esclarece que durante três séculos o quilombo era uma instituição livre, paralela ao regime da escravidão. Ela relata que essas comunidades abrigavam pessoas negras escravizadas, que fugiam em busca de liberdade. Nessas comunidades eram realizadas atividades diversas como agricultura, criação de animais, extrativismo, atividades mercantis, culturais, com todas as pessoas vivendo livremente. Isso é muito inspirador até para os dias de hoje,

pois traz uma referência dos processos de resistências historicamente construídos. Vocês já pararam para pensar que as formas de atuação de diversas organizações sociais e coletivos em territórios periféricos podem ser consideradas estratégias atuais de aquilombamentos (fazer ou reunir-se em grupos como quilombo)?

Pois é! Temos muito o que aprender com essas mulheres, homens, crianças, jovens e idosos/as, com seus coletivos, sua cultura, suas formas de criar, cuidar e recriar a vida. Os aquilombamentos só são possíveis porque partem de uma dimensão coletiva.

Dando continuidade à nossa conversa, trazemos um novo convite: **que tal buscar identificar as estratégias de aquilombamentos nos territórios de atuação e construir estratégias para ampliar o diálogo e atuar em conjunto, fortalecendo a rede?**

Sempre gostamos de deixar o convite para vocês olharem seus territórios, identificando suas potencialidades e fragilidades. É a partir desse olhar que vocês po-



FOTO: ARQUIVO NACIONAL

Maria Beatriz Nascimento

- ★ 17 de julho de 1942
- † 28 de janeiro de 1995

Historiadora, roteirista, escritora, feminista e ativista pelos direitos humanos e do movimento negro. Militava contra o racismo, a discriminação de gênero, a violência e a opressão sofrida pela população afrodescendente, principalmente da mulher negra. Beatriz defendia o reconhecimento e a titulação das terras quilombolas. Ao longo de seus estudos sobre as formações dos quilombos no Brasil, pensava os territórios de resistência e seus descendentes de maneira científica, mas também a partir de sua trajetória pessoal e do seu ativismo político antirracista.

Extraído de <http://querepublicaeessa.an.gov.br/conheca-nosso-acervo/211-maria-beatriz-nascimento.html> e <http://www.letras.ufmg.br/literafro/ensaistas/1422-beatriz-nascimento>





dem elaborar propostas que dialoguem com a realidade local, promovendo ações de enfrentamento das dificuldades e ampliação das potencialidades. Propostas alinhadas à realidade e contexto locais, de modo geral, também ampliam e fortalecem o trabalho em rede, a partir de algumas ações, vejam só:

- ampliar e aprimorar as estratégias de participação da organização no território;
- envolver a comunidade nas atividades desenvolvidas pela OSC;
- estimular a participação na vida pública do território e desenvolver competências para a compreensão crítica da realidade social;
- ampliar a parceria com a rede socioassistencial;
- construir um projeto coletivo compartilhado por crianças, jovens, famílias, educadores, gestores, diferentes profissionais, parceiros de território;
- implementar ferramentas de escuta e participação mais ativa da comunidade nos processos de gestão e eleição de pautas prioritárias para o desenvolvimento de ações, projetos e o monitoramento e avaliação de resultados para a equipe em conjunto com a comunidade.

Ao realizar os apontamentos dessas necessidades, é possível demonstrar o compromisso em atuar de modo cada vez mais alinhado com as demandas do território, além de estimular a participação mais ativa da comunidade, o que também colabora para o seu desenvolvimento institucional.

Mobilização e engajamento da comunidade

É nesse sentido que o Grupo Comunitário de Acompanhamento Local (GCAL) contribui para promover um olhar para as necessidades e potenciais de cada território, além de ser um importante elo de interação entre a OSC e o território. O grupo representa a diversidade do território, dando visibilidade às suas demandas e colaborando para que as ações da organização estejam em consonância com elas, além de fortalecer o processo participativo ao discutir coletivamente os principais desafios, soluções e prioridades.



PARA ENTENDER MELHOR

GRUPO COMUNITÁRIO DE ACOMPANHAMENTO LOCAL (GCAL), grupo de pessoas que visa acompanhar as ações desenvolvidas pela organização de modo a envolver cada vez mais a comunidade no dia-a-dia da OSC.



DICA IMPORTANTE

Busquem investir na diversidade da composição do GCAL contando com a participação de pessoas que vivenciam o lugar. A pluralidade pode colaborar para a efetividade e a readequação das ações alinhada às necessidades locais. Contem com a participação de moradores/as, representantes de equipamentos sociais, coletivos, organizações, educandos e educandas, múltiplos olhares individuais e coletivos, propiciando diferentes pontos de vista. **Trata-se da possibilidade de fazer com a comunidade e não para a comunidade.**





Vocês sabiam de um provérbio africano que diz: *para educar uma criança é preciso uma aldeia inteira?* Pois é! Essa aldeia é o que chamamos aqui de território. A partir desse simples provérbio, podemos perceber que a articulação e envolvimento das pessoas, espaços e saberes contribuem para trabalhar a dimensão do desenvolvimento integral de crianças e adolescentes. Nesse sentido, o território se torna um espaço rico e importante de aprendizagem para as crianças, adolescentes e para as próprias OSCs. Nesse espaço de interação, as responsabilidades em educar, cuidar, proteger e socializar são compartilhadas e, por isso, conhecer o lugar em que vivem é fundamental para que crianças e adolescentes entendam suas próprias histórias e sua ancestralidade, compreensão que os ajudará a construir sua identidade.

Por isso, é importante compreender e identificar as características dos territórios, vivenciar os conflitos que ali aconte-

cem e propor soluções para superá-los. Essas são formas de exercício da cidadania que só podem ser construídas pela vivência. Para dar prosseguimento, vamos fazer uma pausa para uma reflexão:

- Como o diálogo e o fazer com o território têm impactado o cotidiano da organização?
- Sabemos que, neste contexto pós-pandemia, são muitos os desafios enfrentados pelos territórios em relação à escolaridade e à saúde mental de crianças e adolescentes. Como estão essas questões no território em que atuam?
- Conseguem identificar a potencialidade de um trabalho conjunto com a área da educação e de saúde em prol do desenvolvimento integral de crianças e adolescentes?



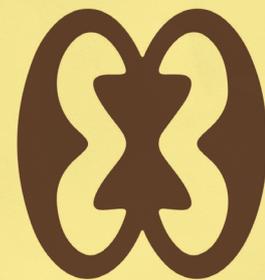


E não parem por aqui! Busquem realizar conversas com escolas, postos de saúde, serviços de saúde mental e/ou outras instituições que também estão olhando para essas questões. Essa pode ser uma ótima oportunidade para traçar estratégias coletivas com o intuito de fazer frente às adversidades e fortalecer a relação entre as instituições, contribuindo, também, para encontrar soluções criativas e efetivas para a superação dos desafios identificados.

Chegamos ao fim da nossa viagem desta edição. Esperamos que vocês tenham aproveitado bastante todos os conhecimentos, reflexões e ideias que traba-

lhamos durante esta jornada. Ao longo do nosso percurso nesta viagem, refletimos e definimos o que é território, fomos provocadas e provocados a pensar se as nossas ações estão apoiadas no paradigma da ausência ou da potência, nos inspiramos no conceito de Amefricanidade e nos aprendizados dos quilombos e do adinkra NKONSONKONSON (sobre este conceito, ver abaixo). Esperamos que o nosso diálogo colabore para que as iniciativas ganhem ainda mais efetividade e força a partir da unidade e **articulação com as potências dos territórios dos quais fazemos parte. Como já dissemos, ele só existe a partir das relações!** Até a próxima!

FOTO: UNIPHOTO/CATTIANNE TIJERINA/CC BY-NC-ND 2.0



Vocês já pensaram que na unidade está a força?

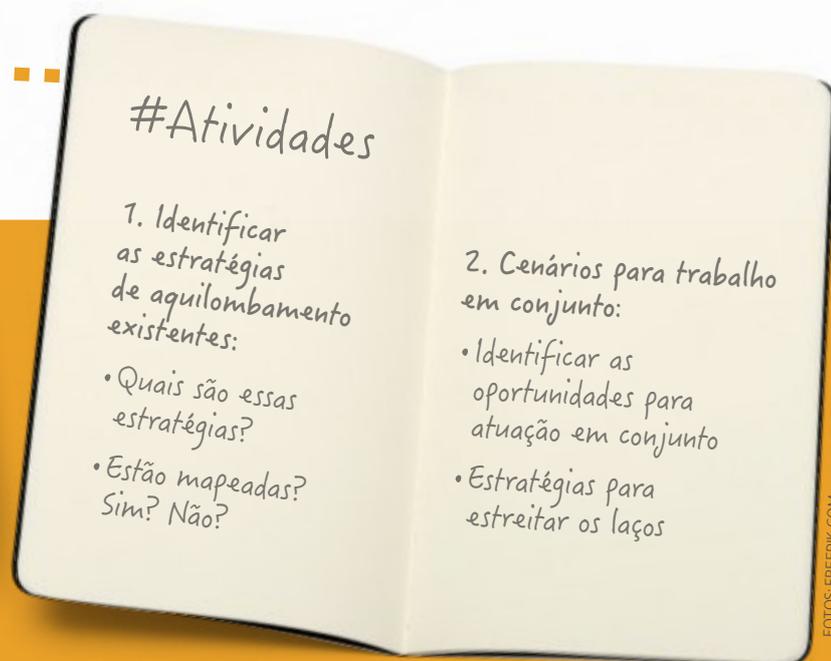
Adinkra é um sistema de escrita que compunha as formas de expressão escrita existentes na África antiga, utilizadas pelos povos Akan, da África Central. Esse que vamos lhes apresentar tem o nome de NKONSONKONSON e significa “elo de corrente”, símbolo da unidade e das relações humanas.

Um lembrete para contribuir com a comunidade porque na unidade está a força!

Saiba mais sobre em: <http://www.adinkra.org/htmls/adinkra/nkon.htm>



Caderno de viagem



FOTOS: FREEPIK.COM

Como em todo bom percurso, levamos conosco um caderno de viagem! O famoso caderninho de viajantes curiosos/as com reflexões, ideias, perguntas e protótipos de projetos que foram despertados pelas paisagens.

A partir do que vimos nas últimas páginas, ficam dois convites de registro e atividade. Vamos lá!

1. Quais estratégias de aquilombamentos existem em nosso território? Há um mapeamento dessas iniciativas?

2. Quais cenários para trabalho em conjunto podemos construir? É possível pensar em estratégias para estreitar os laços com a Rede Socioassistencial, organizações, coletivos, e sujeitos de nossos territórios de atuação?

FOTOS: FLICKR.PISU





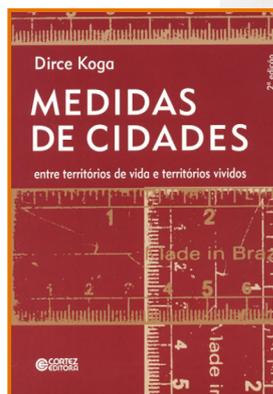
Na mochila

Deixamos aqui algumas sugestões de vídeos, textos, publicações, livros, entre outros, para que vocês se aprofundem ainda mais na temática que trabalhamos nesta edição



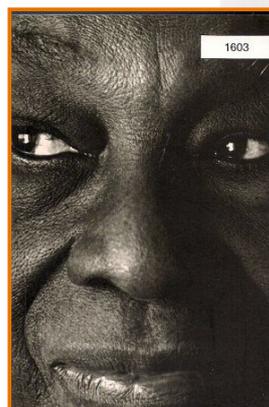
APROPRIAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS SÃO IMPULSIONADAS POR ONG (INSTITUTO CLARO, JULHO 2018)

Conheçam uma incubadora de projetos sociais voltados para a apropriação e revitalização de espaços públicos. Esse é o trabalho realizado pela ONG Espaço Urbano, no bairro do Jaguaré, em São Paulo (SP). Para alcançar esses objetivos, a instituição promove cursos para identificar e capacitar lideranças, formatar projetos e buscar parcerias com empresas que atuam na região para ajudar no financiamento.



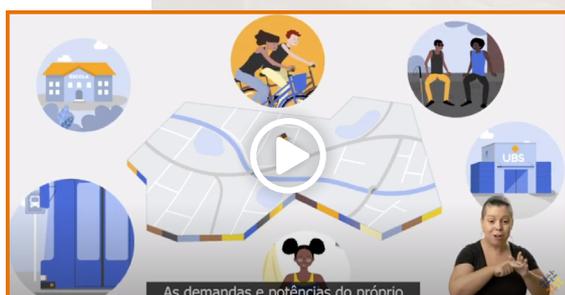
MEDIDAS DE CIDADES: ENTRE TERRITÓRIOS DE VIDA E TERRITÓRIOS VIVIDOS

O livro trata de experiências que constroem formas diferenciadas de medir a desigualdade social de cidades brasileiras a partir dos seus bairros, distritos e unidades de planejamento. Trata-se de um trabalho que busca decifrar uma “topografia social” a partir do que é vivido no chão das cidades brasileiras: entre a exclusão/inclusão social, entre enclaves e potências humanas.



O PAÍS DISTORCIDO: O BRASIL, A GLOBALIZAÇÃO E A CIDADANIA

Este livro reúne textos de Milton Santos publicados ao longo de 20 anos que registram as ideias do autor sobre o Brasil, a globalização, a cidadania e outros temas fundamentais à autodefinição do país.



DESENVOLVIMENTO INTEGRAL E TERRITÓRIO

Neste vídeo, conhecemos dois exemplos de organizações que se articularam para atender seu público: a Casa do Rio, no Amazonas, e o Instituto Moinho Cultural Sul-Americano, em Mato Grosso do Sul.



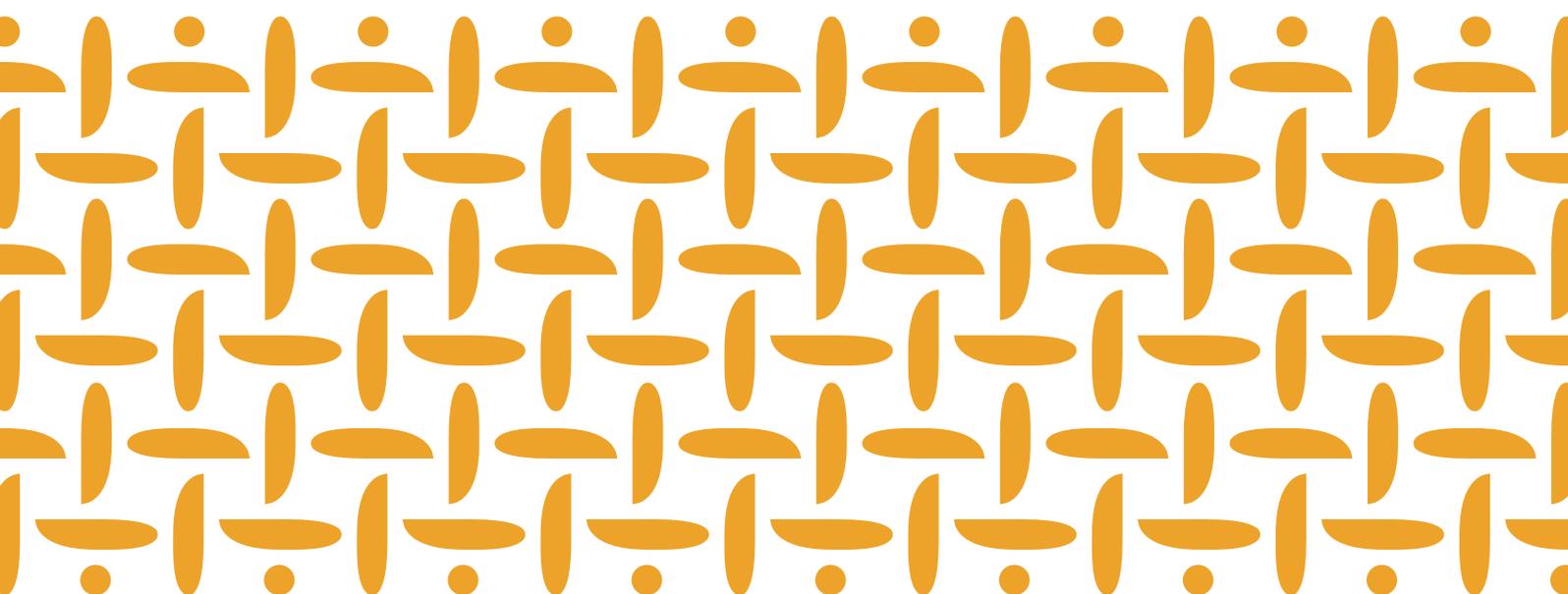
PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA - PRÊMIO ITAÚ-UNICEF EM REDE

O vídeo aborda a importância entre a integração e as trocas de experiências entre organizações sociais, em parceria com o poder público e a iniciativa privada, que promovem a valorização da participação comunitária no desenvolvimento de atividades.



TERRITÓRIOS

Esse vídeo faz parte do Prêmio Itaú-UNICEF em Rede, um grupo do Facebook para mobilização, integração e troca de experiências entre as pessoas e iniciativas que promovem ações voltadas para a garantia de direitos de crianças, adolescentes e jovens de todo o Brasil.





PROGRAMA
Itaú Social
UNICEF

